



Número 1 - Outubro de 2007

APRESENTAÇÃO – Conheça o CIEN-Digital	2
HÍFEN – Célio Garcia: A "irregularidade" do grafiteiro-pichador: o corpo de sua escrita	10
ENTRE-VISTA – Com Éster Maillard	12
LABOR(a)TÓRIOS – Como se trabalha no CIEN	15
ÓRBITA CLÍNICA – Leia os comentários das apresentações clínicas	18
PONTO DE VISTA – Seu espaço de colaboração	20

*Para ler o CIEN-Digital, ajuste o documento à página e pressione as teclas **Page Up** e **Page Down** de seu teclado para mudar de página*

APRESENTAÇÃO

Com entusiasmo, lançamos o CIEN-Digital, boletim dos laboratórios do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança e o Adolescente, no Brasil, "novo instrumento de trabalho, modesto e precioso", como a ele se referiu Judith Miller.

CIEN-Digital inaugura-se com o suporte eletrônico da rede de comunicação virtual e, tal como acontece nas autopistas da malha ciberespacial, visa fazer enlaces com você.

As autopistas discursivas da interdisciplinaridade, que é o fundamento das atividades do CIEN, desenham seu modo operatório e justificam o surgimento de CIEN-Digital. Sua vocação define-se como lugar e laço.

Como lugar na Web, reveste-se de sua característica: ele está agora por toda parte e em nenhuma parte. Entendemos que apenas a supressão das distâncias – e do tempo – não resultaria na proximidade que almejamos. Vamos usar as ferramentas de endereçamento, um a um dos inscritos, e abrir a possibilidade de inscrição a cada um que aspire a entrar neste

espaço de trabalho. A informação que entra nos circuitos de CIEN-Digital, compõe-se das idéias, dos projetos, das realizações e dos trabalhos dos psicanalistas e dos profissionais de distintas práticas, sensíveis às questões da criança e do adolescente em nossa sociedade e em nosso tempo.

Como laço, CIEN-Digital estreita distâncias e nos estreita na tarefa comum de atingir os objetivos que inspiram a prática do CIEN, em nada semelhante ao virtual. Se algumas crianças e adolescentes podem ser nomeados, como assinalou Philippe Lacadée, de "crianças do real" e são eles, preferentemente, o objeto de dedicação do CIEN, pensamos em parafrasear Jacques Alain-Miller¹, e dizer que a ambição do CIEN-Digital é bem ser o Boletim eletrônico do real.

¹ MILLER. Jacques Alain, Lacan voulait même qu'une analyse aboutisse à un théorème. On a laissé à Ornica? son sous-titre historique, "revue du Champ freudien". Mais son ambition est bien d'être la Revue du Réel. <http://www.lacanian.net/Ornicar%20online/index.htm>.

Acessível por um clique do mouse, sua tela de leitura nos mostrará as ferramentas simbólicas utilizadas como tratamento possível ao real, como real efeito do uso da palavra e da escuta. E, também, por que não? Um real efeito de leitura, é o que também esperamos!

Que leitura lhe oferece este número inaugural?

Primeiramente você encontrará a resposta que a Senhora Judith Miller – presidente da Fundação do Campo Freudiano, ao qual CIEN está inscrito – dá à pergunta, por ela mesma formulada: "Porque um boletim eletrônico do CIEN no Brasil?"

A saudação de Cristiana Pittella de Mattos, Coordenadora da Comissão de Coordenação e Orientação do CIEN no Brasil auspicia ao CIEN-Digital um bom encontro.

E estas experiências nos ensinam muito, relata Philippe Lacadée, vice-presidente do CIEN o Campo Freudiano, no a posteriori de sua temporada este ano, em Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

ro, nos diz o que foi que aprendeu sobre a condição de ser vivo em uma favela.

Judith Miller e Philippe Lacadée participaram intensamente da programação proposta pelo CIEN na citada temporada, em torno de quinze acontecimentos cujos efeitos estarão registrados nos dois primeiros números do CIEN-Digital.

Este registro enquadra fortemente sua temática no marco das condições – quais e como se tornam possíveis – dar a palavra à criança, ao adolescente e igualmente a cada participante de laboratório para dizer como se vive, como se trabalha e o que se faz nas favelas brasileiras.

A rubrica **Hifen** – espaço da teoria que privilegiará o ponto de união da interdisciplinaridade, convoca-nos à leitura da proposta de Célio Garcia: “Por uma clínica da carência”, onde analisa temas necessários à prática política adotada pelo CIEN.

Entre-Vista, é a rubrica em que o objeto de trabalho do CIEN, em seu movimento incessante, se deixa capturar no “entre” da reflexão do “ao menos um” que aceita o debate. A entrevista com a colega Éster Maillard nos demonstra o valor de tal reflexão.

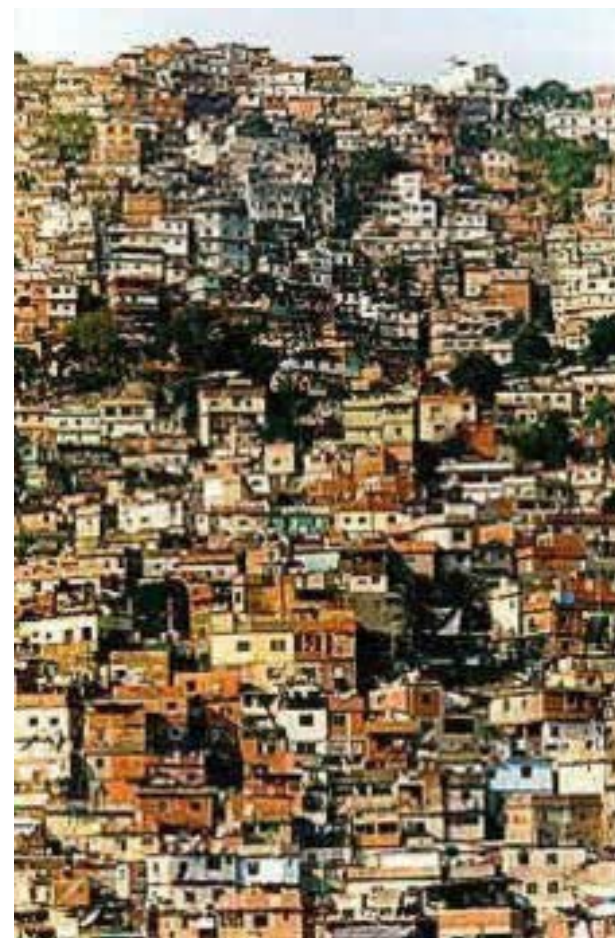
Como trabalhar no CIEN? O Boletim eletrônico se encarregará de facilitar a circulação dos

elementos que ajudam a formular as respostas possíveis. Neste número, a rubrica **LABOR(a)tórios** traz comentários dos pontos mais candentes das Conversações de julho e agosto de 2007.

Órbita Clínica traz comentários das apresentações realizadas, à mesma época, cuja base de trabalho constituiu-se dos efeitos de um encontro de uma criança/adolescente com um analista, no âmbito do que chamamos a aplicação da psicanálise à terapêutica.

Por fim, a rubrica **Ponto de Vista** circulará vazia, oferecendo seu espaço a cada colega que se sinta mobilizado a lhe endereçar através de mariarita.guimaraes@gmail.com seu ponto de vista, em interlocução a partir dos assuntos que fazem parte deste Boletim ou outros afins, críticas, sugestões e interrogações. CIEN-Digital agradecerá muito o seu retorno!

Maria Rita Guimarães



POR QUE UM BOLETIM ELETRÔNICO DO CIEN NO BRASIL?

Simplesmente porque a experiência demonstra que um boletim como este faz parte dos instrumentos que o CIEN é levado a forjar para responder às suas finalidades.

Este boletim pressupõe então que laboratórios do CIEN funcionem hoje no Brasil, que a continuação das iniciativas concretas que eles constituem em algumas cidades de diferentes estados é desejada, e que é possível ter notícias dele aqui e alhures. Estes três pontos foram destacados na reunião geral dos laboratórios brasileiros em 04 de agosto de 2007, onde a criação deste boletim foi decidida.

Esta decisão tem importância em vários registros: aqui assinalo dois.

Neste, tanto em cada laboratório quanto em suas trocas com outros, ela corrobora o bem fundado da cultura do escrito, que é a do CIEN, onde ele exista. Todo laboratório declarado do CIEN presta contas periodicamente – preto no branco – de seu percurso, de seus avanços, de seus acidentes e de suas consequências, em um relatório anual endereçado ao anuário nacional do CIEN.

Aperiodicamente, declarado ou não, ele pode querer testemunhar uma experiência redigida por um ou por vários de seus participantes. Esses testemunhos são a ocasião de se descobrir como pode ser formulada adequadamente a importância de um momento, que se revela mais freqüentemente, num *a posteriori*. Eles encontram uma segunda ocasião, no efeito de transmissão que eles comportam. Eles contribuem assim com a orientação do CIEN ao apreender as condições às quais a tradução em palavras dos impasses que se colocam, um laboratório opera uma modificação, uma mutação, uma perspectiva de subjetivação, bem diferente da passagem ao ato cega ou o caminho da repetição sintomática. Eles afiam a vigilância requerida pelo fio vermelho que encarna o traço de união, em que Philippe Lacadée propõe encarnar a especificidade da interdisciplinaridade que o CIEN inventa, pelo fato de que ele se guia pelas lições de Freud e de Lacan. A primeira lição consiste precisamente em "saber não saber", segundo a bela expressão de Virgínio Baio – e não de uma visão de mundo Weltanshaung, seja ela progressista ou

humanista, baseada na ilusão de deter um saber que dá as soluções dos problemas.

Situarei o segundo registro no que Jacques-Alain Miller nomeia "educação freudiana" propondo com isto alargar o círculo da opinião esclarecida às dimensões da opinião pública.

Esta concerne, mais ou menos, à abordagem feita pelo CIEN dos pontos dolorosos da vida cotidiana que o discurso corrente agrava, por suas queixas e pelos próprios protestos, pelo fato de que ele perturba e difunde o canto universalista com um cientificismo surdo à particularidade do ser falante e alimenta infalivelmente as políticas segregativas, ou mesmo secundárias, que reduzem o cidadão em consumidor–produtor, o corpo ao organismo e o sintoma ao déficit. Se a psicanálise restitui a particularidade de cada um, é precisamente por não verter em um determinismo utilitarista ou consolador e de contar com as fontes inventivas e poéticas da contingência, do equívoco, do encontro.

Longe de manter as impotências forçadas pela modernidade, a psicanálise oferece a chance de cernir o impossível da não relação sexual.

Esclarecido por ela, o CIEN trata os pontos de apoio dos quais se lamenta o mundo contemporâneo: ele opera por um deslocamento que resulta de se tomar em consideração a pulsão e seus destinos, sem pretender com isto assegurar uma clínica da qual ao menos um dos participantes dos laboratórios tenha, de um outro ponto de vista, experiência.

A publicação escrita das transformações produzidas pela prática da conversação, própria ao CIEN, garante um meio de proteção do dizer em relação ao Charybde em Scylla contemporâneo que leva do amordaçamento à passagem ao ato. Toda a diferença da cura analítica, responde à mesma lógica, que desfaz as identificações e permite um jogo de vida advindo de uma nova relação com o Outro. O CIEN deve fazer conhecer esta lógica e aí associar os profissionais que se ocupam das crianças e dos jovens, principalmente pelos relatórios das atividades diversas de seus laboratórios publicados no boletim eletrônico. Tomo três exemplos:

1. Uma carta de Valérie Laurent, responsável pelo Grupo de Reflexão sobre as Prisões na França, relata que uma senhora que trabalhava no meio carcerário declara: "Tenho a

impressão de estar em um mundo em que me obrigam a ver as pessoas como objetos". Na leitura de sua carta, ela decide participar do GRP: "não estou completamente doída e sobretudo, não estou completamente só... não pensava que uma coisa parecida poderia ainda existir, é magnífico, obrigada".

2. Sob a pena de Daniel Roy, os princípios do trabalho de um laboratório búlgaro sobre "uma segregação moderna", traçada pela proliferação dos objetos, roubos, prostituição, droga, gravidez na adolescência.

Resultado: as crianças e adolescentes entregues ao mercado, barganhando suas vidas pelo preço de meio quilo de carne ou do "produto". Uma nova aproximação: responder em conjunto à questão "Que dizer ao adolescente delinqüente?"; partir pois da constatação que, nestas situações, o dizer já está excluído e que é preciso então reinventá-lo com todas as peças...; em que a inutilidade dos pactos, contratos e outros "quadros", e a necessidade de partir da língua do sujeito para (fazê-lo) encontrar e dar-lhe um lugar no discurso comum.

Este, bastante recente, que muito me esclareceu sobre o alcance do trabalho do CIEN: a

descrição da sua situação por um jovem de uma favela em Belo Horizonte encontrado no Fica Vivo, "...não podemos sair. A gente aprende a viver só aqui nesta área. Nossa vida se resume a esse lugar da boca. Corremos o risco de sermos mortos... Nossa vida é correr para fugir polícia e viver como ratos escondidos nos becos" (citado por Elaine Rocha Maciel Carneiro – laboratório Língua Viva).

A mesma reunião geral dos laboratórios brasileiros que decidiu a criação deste boletim reconheceu a necessidade de designar uma equipe de quatro que têm a responsabilidade do CIEN no Brasil e de um moderador do Espaço Cien-Brasil que também zelará pela pertinência do conteúdo de diversas rubricas do Boletim Eletrônico. Espero ter com isso explicitado o que está em jogo. Serei uma leitora assídua e agradeço a todos aqueles que aprimorarão, por uma ou outra razão, esse novo instrumento de trabalho, modesto e precioso.

Judith Miller

BOAS VINDAS AO CIEN-DIGITAL

Boas Vindas ao CIEN-Digital!

Este veículo, o CIEN-Digital, vem inaugurar um novo lugar para o CIEN-Brasil e, a partir dele, poderemos imprimir e fortalecer nossos laços.

Pretendemos tornar a nossa comunicação cada vez mais ágil e leve, tal como cabe a este espaço, sem, no entanto, perdermos a solidez e a firmeza de estarmos à altura dos problemas que enfrentamos junto às crianças e adolescentes de nossa época.

Que neste boletim eletrônico possam ser digitados os projetos, os trabalhos, as questões e descobertas que cada participante dos 27 laboratórios que compõem hoje o CIEN-Brasil, em momentos variados de suas pesquisas, queira escrever e fazer circular entre nós e alhures, causando o leitor!

Aqui, desejamos também, encontrar as letras de Outros daqui ou de acolá, endereçadas ao CIEN-Digital, que nos revelem pontos de impasse, reflexão, achados e invenções em suas práticas. Letras que possam cernir um pedaço de real.

Os leitores nos são caros. O lugar para a leitura cuidadosa e atenta é fundamental. E, se cada leitor puder experimentar e tirar conseqüências do que aqui se pretende transmitir, o nosso jornal eletrônico poderá alcançar novas formas de transmissão do saber assim como a impressão em cada biblioteca.

Para tanto, estaremos abertos ao porvir, ao futuro, e acolher o que será.

O desejo é ver circular o que encontramos em nosso mundo e os caminhos percorridos para a invenção. Este espaço se destina aos detalhes que cada saber poderá

registrar de sua marca. Marca das várias disciplinas ou dos saberes alcançados fora de todo cuidado acadêmico, de todo espírito de acabamento. Marcas daqueles que se dedicam aos restos – muitas vezes tratados como refugio a ser varrido e depositado alhures –, mas que se prestam a escutar essa voz esquecida no deserto e fazer ressoar para além da sobrevivência, o desejo.

Os escritos que circularão por aqui deverão ser ampliadores de nossas incertezas e curiosidades. Com o CIEN-Digital poderemos também vislumbrar a elaboração coletiva de novas leituras dos enunciados para que os textos e notas que aqui navegam sejam sementes de bons frutos!

Cristiana Pittella de Mattos

NO ESPÍRITO DA CONVERSAÇÃO INTERDISCIPLINAR: UM JOGO DA VIDA

Trata-se de dizer, neste Boletim eletrônico do CIEN-Brasil, o que a temporada do final de julho e início de agosto me ensinou. Primeiramente, uma frase de um adolescente nos esclareceu, à Judith Miller e a mim, pela força de sua verdade, sobre o que poderia ser a condição do ser vivo em uma favela, que chamarei de A cidade ao avesso "...não podemos sair. Não podemos entrar no bairro nem em lugar algum sob risco de sermos mortos. (...) Nossa vida é correr para fugir da polícia e viver como ratos escondidos nos becos." (Citado por Elaine Maciel em seu texto Nomes do exílio, apresentado na conversa: Sobre as Fronteiras - FICA VIVO! e laboratório Língua Viva, no Morro das Pedras em Belo Horizonte).

Por ter tido a oportunidade de participar de numerosas conversações interdisciplinares, no final de julho e início de agosto, percebi que ocupei por um momento o lugar deste Jornal eletrônico, lugar desse laço que deve existir entre os diferentes laboratórios do Brasil, para fazer escutar o que escutei desse formidável espírito de conversa interdisciplinar que se criou. Aconteceu ali, no instante dessas reuni-

ões de laboratórios, da língua viva se colocar. Ao tomar a palavra, a partir da simples oferta, houve um real efeito interdisciplinar, onde cada um pode escutar a maneira como cada disciplina tinha de se posicionar face aos pontos de impasse ou de invenção.

O dom da palavra soube dar a chance a cada participante ou parceiro de uma outra disciplina, de dizer o que ele vive e faz nestes lugares freqüentemente ligados ao pior. É aí, onde apenas a autenticidade de uma palavra, fazendo ressoar sua própria enunciação para além de todo conformismo – no *a posteriori* do que se diz –, tem um real efeito de formação para aqueles que escutam, e de transformação para aqueles que falam. Assim, o que se diz não é esquecido, por ter no lugar – de saber não saber –, um lugar no qual o valor do que é escutado, é acolhido por ao menos um, que sabe o que falar quer dizer. Este ao menos um não está aí como psicanalista, mas como aquele que, apoiando-se em sua formação analítica, oferece a garantia de que neste lugar a palavra do outro, que porta sempre uma mensagem inédita, será colocada em seu justo lugar: o de

contribuir para um avanço na prática de cada um. Este ao menos um é também aquele que, por sua presença ativa, encarna o traço-deunião entre as diferentes disciplinas presentes no laboratório. Ele está lá para que cada disciplina possa fazer ouvir e valer sua maneira de praticar com o real ao qual sua presença também confronta. Ele é também aquele que, por sua experiência clínica, pode permitir escutar o que a psicanálise de orientação lacaniana poderia dizer disso guiando-se pelas lições de Freud e de Lacan. "A educação freudiana" tal qual dela fala Jacques-Alain Miller, encontra seu lugar em nossas conversações por alargar o círculo da opinião esclarecida às dimensões da opinião pública, como pudemos verificá-la no Rio e em Belo Horizonte, falando com os diferentes participantes das conversações do CIEN.

Faz-se a ocasião de lembrar que o laboratório não é o lugar de uma elaboração ou de uma formação clínica. Ele é, entretanto, o lugar em que uma mesma lógica de des-identificação pode operar quando se trata de afrouxar as identificações e de permitir, como dizia Freud, um jogo de vida no espírito do sujeito, oriundo

de uma nova relação com o Outro. É o que nos ensinaram os diferentes participantes que apresentaram durante as conversações seus pontos de impasse frente a crianças que brincam com armas ou insultos para se defenderem de um real muito angustiante ou intimidador.

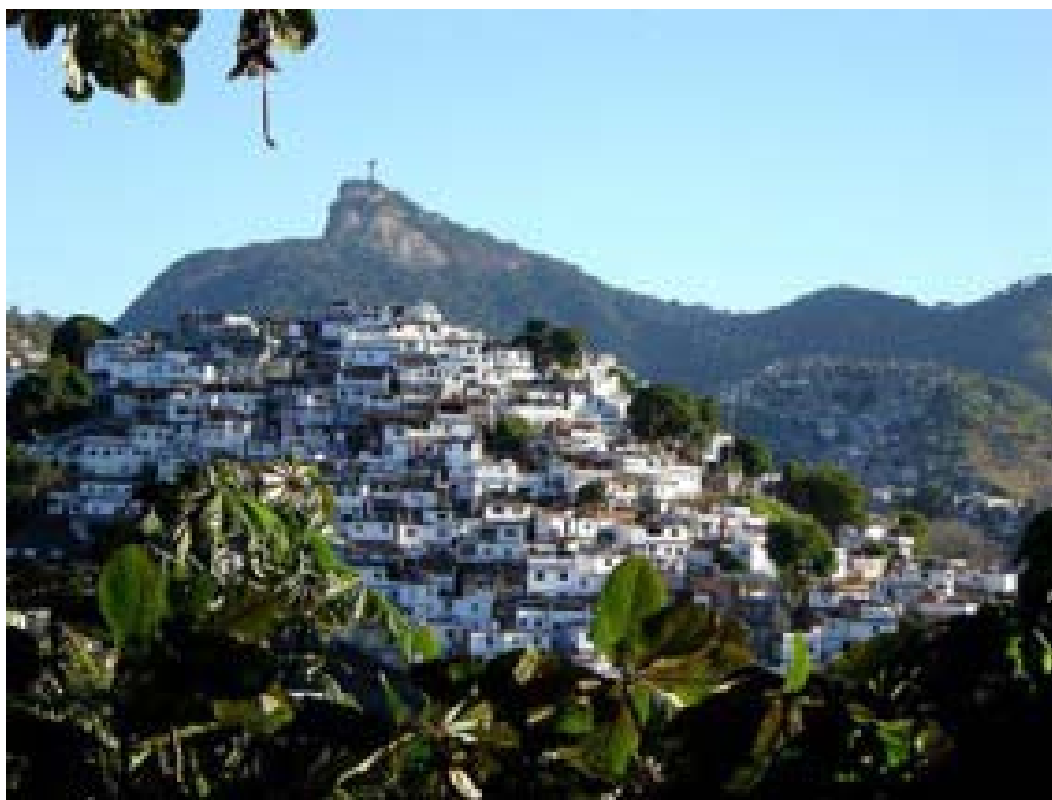
É assim que os profissionais desses diferentes lugares da cidade puderam fazer valer o que da originalidade de suas práticas poderia ter efeitos sobre as crianças e adolescentes, mas, do mesmo modo, sobre aqueles que nesses momentos de conversações, escutavam-lhes falar de pequenas seqüências da vida cotidiana, de momentos de vida mais ou menos difíceis que eles haviam compartilhado com essas crianças, e que são apresentadas assim na conversação interdisciplinar, segundo o modo que nomeamos como "vinhetas práticas".

Do que assisti, em mais de 15 conversações ou apresentações de vinhetas práticas em diferentes lugares, deduz-se um lugar da criança e do adolescente em nossa

modernidade, freqüentemente em impasse, que cria a necessidade, para os que nos fazem uma demanda, de criação de laboratório. Então podemos entender como certas crianças podem ser reduzidas justamente a ratos encurralados em suas ruas pelo traficante de droga, pela polícia, mas, sobretudo, pelo amigo que por uma dívida de um real e cinquenta centavos (R\$ 1,50) pode se tornar o inimigo capaz de

matá-la com uma bala na cabeça. A criança se reduz, assim, a não ser, senão, esse rato preso no laboratório desta cidade ao avesso, que cria, ela mesma, com uma lei louca, seu próprio sistema de evacuação.

A criança é aí objeto diretamente consumível, depois descartável pelo circuito que só pretende fazer dela uma fonte de renda. Como dizia uma delas, de 12 anos, que encontramos em um Centro de Internação Sócio-educativo para adolescentes, ela se faz de "avião" para esquecer sua própria vida, para tentar apagar seu sofrimento de ser falante. Então ela consome para ser consumida e depois ser evacuada e o pior é que ela sabe disso, confessando-nos, com um olhar sem apelo, que de toda maneira ela não tinha mais escolha. Sua vida precária, ela quer gozar arriscando-a, como se somente esta posição de risco com a droga e com a morte se tornasse então, de maneira lúcida, sua única razão de ser. Nenhuma inscrição simbólica parece vir frear esse circuito de gozo organizado por um pe-



queno número.

Desde então algumas crianças não têm outra escolha que ficar aí vivendo presas a uma dívida real – de um real e cinquenta centavos (R\$ 1,50) – por falta de ter recebido ou de ter rejeitado esta dívida simbólica que elas deveriam ao Outro, caso este tivesse consentido em inscrever suas vidas num circuito de palavra, porque justamente tal circuito lhes teria sido oferecido da boa maneira. Por isso, são os símbolos o que nomeamos como significantes, que não têm mais para elas os mesmos valores. Elas não se articulam a eles, mas, muito mais, a

esses objetos que lhes dão, durante um tempo, a idéia de que elas têm uma substância, oferecendo-lhes uma subsistência e até um sentimento de existência, de sentir em seus corpos sensações imediatas.

Nós pudemos, assim, apreender como oferecer a palavra a estas crianças exauridas, assentando-nos junto a elas para escutá-las, permitindo-lhes, – a partir deste ponto de onde elas se escutavam falar –, encontrar neste tempo de pausa, uma posição em que ao se inscreverem na palavra dita ao Outro, elas se sentiam, enfim, em dívida simbólica, ou seja,

em dívida do símbolo, ou, em dívida de não poder tudo dizer ao Outro.

As numerosas vinhetas apresentadas nos ensinaram que oferecer a essas crianças a possibilidade de tomar a palavra era uma via para se seguir, sobretudo quando outros parceiros nos ensinaram como eles fazem, principalmente, os numerosos oficinairos.

Philippe Lacadée

Tradução: Cristiana Pittella de Mattos

Revisão: Bernadete Carvalho

A “IRREGULARIDADE” DO GRAFITEIRO-PICHADOR: O CORPO DA SUA ESCRITA

Há lugar ainda para a clínica? Seria possível uma clínica da carência (inventiva e criativa de novos usos) em contrapartida à posição de vítima ou miserabilidade?

Para tanto, tratar-se-ia de fazer surgir significação de fragmentos em pedaços resultantes de destruição da experiência. Em que podem nos interessar esses fragmentos?

Sendo o inconsciente atemporal, as conexões entre um fragmento e outro não obedecem a restrições de tempo ou marca cronológica; podemos acrescentar que (nos sonhos, por exemplo) referidos fragmentos são provenientes de diversas origens. Na verdade eles são reempregados, ou se preferirem reciclados a cada vez.

Não há, portanto cadeia, mas conexão entre os elementos ou fragmentos.

A Prática política igualmente, é ela formada de seqüências finitas (vejam a contrapartida



memória e/ou lugares de memória para comemorar fastos e nefastos de antigos e outros regimes), seus recursos provem do reemprego de elementos de diversas fontes, tal, como no inconsciente.

Em vez de identidade, de grandes oposições, de ideais, trabalhamos com a mínima diferença; a identidade tem sido fonte e origem de discriminação, segregação, precisamente a partir de critérios trazidos pela técnica em seu estágio atual.

O sujeito perdido na grande cidade poderá sempre ser confrontado à *resposta* que o constituiu como sujeito. Ele já deu a *resposta* quando nós o atendemos. Nesse item encontramos o tema da responsabilidade, mas agora liberado da sua carga moral, do seu feitiço jurídico.

2. Privado da experiência, fomos compensados com os *gadgets* encontrados no supermercado do consumo. Com a perda continuada da experiência, agora tivemos reduzida nossa criatividade.

Enquanto isso, os irregulares, por se encontrarem fora do mercado, fora do consumo, viviam a carência na vida de todos os dias, vida nua e crua. Com isso, veio a criatividade de que fazem prova. Talvez recuperem a dimensão da

experiência, talvez (me foi sugerido por Jacques Ackerman, nosso colega)!

A "irregularidade" do grafiteiro-pichador: o corpo da sua escrita.

Examino o caso de um grafiteiro/pichador levado por necessidade interior incoercível que o fazia produzir inscrições que ilustravam situações traumáticas vividas por ele, tomado por impulso que invade seu corpo dando a ele elasticidade e agilidade insuspeitadas. Os rabis-



cos carregados habitados por expressão plástica inusitada, inseparáveis de uma cena sem palavras, articulam grafias e ícones, com tendência a ocupar todo o espaço disponível, criando proliferação inconveniente.

Tal arte eu a colocaria do lado dos "irregulares", e nunca do lado das crianças ou dos primitivos, como havia pensado o crítico de arte diante das obras de arte chamada "irregular" no século XIX.

Espontâneos e instintivos lá estão os *irregulares* na periferia das grandes cidades, nos arrabaldes do planeta, freqüentemente ligados à tradição oral, à música hip-hop ou rap, à dança. No caso do Brasil encontro no ballet da capoeira de Angola a expressão plástica cuja partitura seriam os grossos riscos, traçado enfático, deixados nos muros, paredes, monumentos, monumentos cuja memória sem pensamento já não é reconhecida pelo jovem grafiteiro/pichador.

A abordagem aqui proposta, por enquanto denominada "arte irregular", ao ser pensada pode retirar o jovem de seu gueto, minoria, ou bando como queiram chamar; retirar quer dizer lançá-lo em direção ao grande movimento de produção artística que vai pelo mundo afora. Até então eles eram e serão mantidos na periferia das cidades, mesmo freqüentando concursos ou cursos que viessem regularizar a atividade de grafiteiro.

Célio Garcia

1ª. PARTE

CIEN-Digital: Você é uma psicanalista brasileira que vive em Paris há anos. Supomos que mantém com a nossa realidade um olhar ao mesmo tempo íntimo e estrangeiro. Que pontos você destacaria como mais importantes para a realidade da criança e do adolescente brasileiros, dentre os trabalhos do CIEN que você acompanhou em BH?

Ester Maillard: Você fala de "um olhar", bem, aceito. Falo então de impressões rápidas, "à bâtons rompus", sobre o curto tempo desta minha passagem em BH, com o CIEN.

De fato, vivo em Paris há trinta anos. No mês de agosto passado, participei das atividades promovidas pelo CIEN em BH, preparatórias ao 3º Encontro Americano do Campo freudiano. Através destes trabalhos pude ter um contato privilegiado, durante uma semana,



com aspectos importantes da realidade das crianças e dos adolescentes das favelas e/ou marginalizados da minha cidade natal. Visitei com o CIEN, um Centro de Internação, espaços abertos das favelas: Fica Vivo; uma escola no Morro da Serra para crianças até cinco anos, entre outras instituições.

Um laboratório do CIEN que apresentou um trabalho no 3º Encontro se propôs pensar "o estatuto das crianças que não contam com referentes adultos e se encontram em situação de desamparo". Este tema de pesquisa me ajuda isolar uma singularidade que encontrei na realidade do adolescente brasileiro.

Em nossa visita ao Centro de Internação Provisória São Benedito, pareceu-me que uma das formas que certas crianças reagiam à situação de desamparo era demandando falar: "Não tenho dono de mim mesmo", disse-me um deles quando falávamos sobre família. Fomos, nesta ocasião,, apresentados a eles como fran-

ceses e, a partir daí, alguma coisa aconteceu. Era como se estes jovens se sentissem próximos, pois também pertenciam a um outro mundo.

Perguntaram-me muitas coisas sobre os adolescentes na França: um desejo de saber da vida dos menores, como eles, na França. Pediam-nos para lhes falar em francês e repetiam o que dizíamos.

Penso que esta demanda de falar dos adolescentes em situação de desamparo está sendo trabalhada neste Centro pelo CIEN. Talvez o CIEN tenha sido conduzido a considerar esta demanda dos jovens como um ponto primordial. Levando assim em conta, em primeiro lugar, o que vai "bem" na situação deles.

Temos de um lado uma segregação social enorme que eles sofrem, um desejo de existir, que parece mais forte que aquele de se tornar visível. Observamos uma grande fragilidade e, ao mesmo tempo, os significantes e as atividades do CIEN parecem permitir fazer desta demanda a base mesma do trabalho, o ponto íntimo de um laço vital destes adolescentes onde tudo corre tão mal. E onde tudo corre tão mal, torna-se

possível dar oportunidade ao jovem de fazer-se responsável por sua palavra.

Neste movimento, a presença dos profissionais diversos, junto aos adolescentes, pareceu-me sustentar nesta instituição um desejo que não é anônimo, como comentou Judith Miller. Este ponto merece um destaque extraordinário, porque estava presente em diversos níveis da atuação profissional e em todas as instâncias que visitamos. Observamos também como as palavras são escolhidas no trato com estes sujeitos adolescentes.

CIEN-Digital: Você destacaria alguma diferença no modo de viver e de responder – sejam por atos violentos ou languageiros –, dos jovens da periferia, dos banlieues parisienses, e os modos dos jovens que vivem nas favelas brasileiras?

Ester Maillard: Do ponto de vista do apelo ao Outro, da demanda e da passagem ao ato – furto, uso e tráfico de drogas, tentativas de ataques contra pessoas e outras violências –, há pontos comuns aos adolescentes que se revoltam aqui e daí, mas, sem esquecer os pontos comuns, podemos isolar também certas diferenças.

Por um ângulo, é difícil fazer comparações entre o modo de viver e responder dos jovens dos banlieues parisienses e dos jovens das favelas. Pareceu-me que a precariedade simbólica, imaginária e real, diferentemente da precariedade das condições sociais de vida, pesa de forma diferente, para uns e outros.

Para certos jovens das favelas no Brasil, há uma quase impossibilidade de se manterem em vida, existir. O peso do real na vida destas crianças e adolescentes é impressionante. Situação que constatamos também com as crianças de menos de cinco anos da escola no Morro da Serra.

Partindo da problemática de desamparo dos jovens brasileiros que falamos acima, observamos como a demanda se constitui de forma diferente, do caso de jovens de banlieues dos quais os pais são considerados como insuficientes, desempregados, estrangeiros e excluídos da sociedade. A resposta pode partir de um outro modo de viver. Muitos sofrem a segregação racial, religiosa, xenofóbica e social. Os adolescentes têm uma vivência de humilhação dos pais, um sentimento de abandono e tentam enfrentar o destino procurando

elaborar uma suplência pela via sintomática: fazer-se um nome ou outras invenções languageiras e artísticas remarcáveis. A insuficiência paterna pode também mover os jovens para o ataque ao Outro. Verificamos então nas revoltas, uma demanda paradoxal de reconhecimento, respeito e procura de uma inscrição social.

Assim, no que concerne às questões que se referem à invisibilidade/visibilidade e ao reconhecimento/rejeição ressentidos pelos adolescentes, há diferenças que podem ser observadas, em certos casos, no Brasil e na França.

A exigência de respeito dos jovens de banlieues e dos jovens em Paris, vítimas de segregação, pode se manifestar, no que concerne à forma de se vestirem, face à "visibilidade" da segregação ou à "invisibilidade" que sofrem no seu meio social, por exemplo.

Aqui em Paris, em um liceu, jovens se revoltaram e perturbaram o aprendizado este mês. Eles são todos obrigados a vestir uma blusa e botas, uniforme exigido na aprendizagem da mecânica in-

dustrial. A violência dos alunos é uma resposta à posição onde se sentem colocados pelo uso deste uniforme que os aponta como objeto dejetivo. O uniforme os distingue numa profissão que eles não escolheram, num lugar onde se sentem depositados. Em outros casos, contrariamente à recusa do uniforme imposto pelo Outro, os adolescentes vestem-se habitualmente, todos, com uma pequena veste com o capuz na cabeça, o que os caracterizou nas revoltas no outono de 2005. Também se encontra entre adolescentes dos banlieues parisienses uma procura acentuada de roupas de marcas de costureiros célebres.

Inversamente, observamos no diálogo com alguns menores brasileiros, sexo masculino, do Centro de Internação, que eles não se escondem pelo fato de estarem internados. Não se identificavam como infratores – como uma nomeação –, nos acolheram amavelmente e se mostraram em confiança para falar aos visitantes. Estes jovens adolescentes em internação provisória desejaram estar presentes nas fotos, etc.

Neste Internato, eles não vestiam uniformes... as cicatrizes e marcas de suas vidas sobre o corpo não são dissimuladas. Alguns se referiram a estas marcas. Nas demonstrações de capoeira, danças... a agilidade do corpo é posta em evidência.

Mesmo as numerosas grades – que se abriram e se fechavam como uma pontuação de nossa passagem –, pareceme exercer sobre estes jovens mais sua função real, sem deixar perceber o alcance do peso simbólico que exerceriam.

Um deles falou-me que estava no Centro porque foi envolvido num crime, "mas não tive coragem de matar", disse-me. Penso que isso pode surpreender como uma banalização, insensibilidade ou cruza do jovem, mas esse adolescente pareceu-me neste curto lapso de tempo colocar sua atração pelo crime questionando assim a função de um crime para ele.

ester.cristelli-maillard@wanadoo.fr

CONVERSAÇÃO NO CANTAGALO - RIO DE JANEIRO / AGOSTO DE 2007

Os laboratórios Causar para não segregar e Práticas de conversação se encontraram no anfiteatro do Grupo Cultural AfroReggae para uma conversação com Philippe Lacadée. As crianças da oficina "Levantando a lona", promovida pelo AfroReggae, fizeram uma apresentação que inspirou Lacadée em sua fala, da qual extraímos alguns pontos.

Uma criança surge de um tonel, vestida de palhaço, e de lá retira objetos para sua apresentação: monociclo, aros, bolas de malabarismo. Lacadée destaca a passagem que o circo permite operar: se o jogo perigoso da vida na favela toma o corpo da criança como objeto do tráfico, da droga, da violência, levando muitas vezes à morte, o jogo do circo pode fazer da apresentação do corpo a representação para um Outro, marcando o nascimento de um sujeito saído daquilo que antes poderia ser nada menos que uma lixeira. Lacadée aponta a importância das atividades corporal e cultural, como pontos de

mediação para que a criança viva o seu corpo de maneira diferente, em que a via do desejo encontre lugar.

Pensamos que esta questão da lixeira é fundamental, pois o tonel pintado não é mais uma lixeira, e sim o ponto de onde a criança é olhada – questão levantada por Lacadée na noite de lançamento de seu livro na seção Rio da EBP –, ponto do Ideal que separa o sujeito de sua "estúpida e inefável existência" de objeto.

"Para saber utilizar o objeto é preciso passar por um Outro", transmite Lacadée aos presentes na conversação. Os educadores, tanto do

AfroReggae, como do CIEP João Goulart, têm a função de ensino, que se define pela transmissão de um desejo de saber às crianças e adolescentes com quem trabalham. Respondendo a uma professora que quer ouvir mais sobre o

desejo de saber, Lacadée, lembrando Freud, fala da curiosidade sexual de toda criança que nasce do encontro de uma mulher com um homem, que tem um corpo vivo, e que com

esse corpo ela terá que se amarrar à linguagem, perfazendo um trabalho de escrita em torno de questões fundamentais para o ser humano: O que é a vida? O que é a morte? O que é ser menina ou menino?



Crianças e adolescentes, mas não só eles, fazem um uso, muitas vezes provocador, da linguagem que vem do Outro. Além disso, a modernidade, ao mesmo tempo em que coloca em questão o saber que vem do Outro, apresenta uma infinidade de objetos que dão a ilusão de que se encontrou resposta para a curiosidade, que tampona o desejo de saber. Aos educadores cabe a tarefa de encontrar novas formas e mediações que permitam às

crianças e adolescentes inventarem uma escrita própria às suas questões.

O circo é "uma forma de aprender a escrever se deslocando do próprio corpo". Lacadée ao ressaltar que essa experiência interessa ao trabalho na escola – pois amiúde esta é uma forma que permite ao aluno suportar e aprender com a educação formal –, faz um corte na rivalidade que se explicitou entre os grupos do AfroReggae e do CIEP em torno da educação da criança. Nem só educação artística, nem só

educação formal, a posição de extimidade extrai os paradoxos próprios à educação e faz valer o trabalho já realizado pelos educadores em torno do "ponto de onde" a criança é olhada e que a separa do dejetivo, abrindo caminho para o que causa o desejo de saber.

Ana Tereza Groisman, Clarissa Ramalho, Cleide Maschietto, Cristina Bezerril, Maria do Rosário do Rêgo Barros

QUANDO O BRINQUEDO É UM HORROR

"[...] aqui, as crianças soltam papagaio, arrumam um jeito de, mesmo estando no chão, terem um lugar no céu. [...] É isso que eu acho que a gente aprende com as crianças que vivem nesse lugar!..." (Philippe Lacadée)

Sob o sol vespertino, em Belo Horizonte, Philippe Lacadée resalta a importância e responsabilidade ética do adulto de não recuar frente à violência trazida pelas crianças e adolescentes. É preciso estar presente, possibilitando a formulação de questões que possam reconduzir crianças e adolescentes à luz.

Refere-se ao texto sobre o "Quando o brinquedo é um horror", como um momento que "nos permite aprender o que pode ser uma Conversação interdisciplinar. As questões que vêm, dão testemunhos do que tem a dizer o professor, no momento da Conversação". Salienta a confiança dos professores nesse dispositivo, ao se expressarem com "tanta verdade".

À alusão da professora ao fato das crianças agirem com extrema naturalidade diante de situações de violência, Lacadée declara que essas crianças são tomadas pelo real sem ter exatamente o véu do simbólico, o véu da palavra. Adverte-nos para o estado de "precariedade simbólica", "carência do ambiente simbólico",

sobretudo estas que habitam lugares difíceis do país – nomeando-as de "crianças do real".

Dois momentos no depoimento dos professores são destacados por Lacadée:

O primeiro em que a professora pergunta às crianças que brincavam de polícia e ladrão, exatamente no dia seguinte à morte do pai de um deles: "É isso que você quer pra sua vida?". A pergunta dela vai evocar uma questão essencial sobre a vida.

O segundo depoimento em que, apesar de sua angústia, a professora não recuará diante da arma, e aceitará entrar no jogo da Conversação, pergunta: "Você está matando por quê?". Sua questão revela que uma arma não existe sozinha, uma arma está em lugar do saber.

Cada criança que se apresenta com sua arma, não a utiliza como uma representação, o que permite a professora perguntar para cada uma: "O que vc quer matar quando vc quer matar?". Cada criança terá assim a chance de responder de modo único sobre o uso particular que faz da arma.

Neste sentido, Lacadée conclui: "Temos então duas modalidades que mostram bem o que é a aposta na Conversação. Não é questão de julgar ou de avaliar se uma resposta é melhor que outra. Cada resposta é importante [...]".

Então, afinal, não seria esta a ética que orienta uma Conversação interdisciplinar?

*[...] Margarete Parreira Miranda
Belo Horizonte/2007*



AS MEDIDAS DE LIBERDADE - BEIJO VELADO

O caso apresentado por Cristiane Barreto vem contribuir e responder às diversas pesquisas de laboratórios do CIEN. Foi com esta perspectiva de elucidarmos alguns pontos de impasse na adolescência que trabalhamos a clínica do caso Edson ou "O beijo velado".

Philippe Lacadée remarcou em seu comentário precioso, como esse adolescente colocava em jogo a função da janela – entre a cena e o mundo –, ressaltada por J. Lacan em seu Seminário da Angústia quando nos faz apreender o que está em jogo no momento em que o sujeito é excluído e reduzido a um objeto dejetivo.

Essa dimensão do risco, da passagem ao ato – sempre evocada no encontro com a adolescência –, corre o risco de ser colada à delinquência e à criminalidade, sejam pelas designações segregativas de uma ordem higienista, ou por aquelas de um formalismo abstrato da lei que acabam por silenciar o sujeito.

A questão particular deste jovem revelou a de muitos outros que se encontram na vida nua e crua: como colocar um véu sobre uma janela que faz buraco?

Na janela real, da qual este jovem não hesitou em dizer que saltaria, foi tecida – com atos e cortes precisos do analista –, uma cortina com as tramas encontradas nos desfiladeiros do significante trançando seus nós. Todo este bordado só é possível porque ele encontra ao menos mais um, além dele mesmo, em quem confiar.

Se num primeiro momento, este jovem se apresentava expondo um corpo esburacado e ameaçado de cair, pudemos ver advir um corpo tecido pela linguagem cujas bordas puderam ser recortadas, emergindo um verdadeiro dizer, um sujeito representado pela palavra. E um menino de lugar nenhum, enfatizou Lacadée, entra na língua viva.

É ao tricotar o real que a janela se transforma e se abre. Uma nova paisagem é avistada e almejada pelo jovem, aquela de seu inconsciente, aquela dos sonhos. Passa a velar sua janela com o saber.

Uma nova dimensão é por ele conquistada – a do amor e respeito –, possibilitando-o sair do anonimato e despertá-lo para o outro sexo, até poder oferecer ao analista seu buraco a partir de sua invenção: a memória gráfica.

Agradecemos a Cristiane Barreto que com sua experiência com os adolescentes e com o campo das medidas sócio-educativas nos brindou naquela manhã com sua clínica, demonstrando-nos como o acolhimento, a contingência do encontro com um analista e o uso particular de uma medida possibilitaram – a este jovem em liberdade assistida –, uma abertura e uma travessia em direção a um novo horizonte.

Cristiana Pittella de Mattos

DIGAI-MARÉ COM PHILIPPE LACADÉE

No dia 08 de agosto de 2007, Philippe Lacadée esteve na sede do *Digai-Maré*, em Nova Holanda, para conhecer o trabalho clínico realizado em pequenos grupos e participar de uma conversação, que se deu em torno do caso apresentado por Rodrigo Lyra de uma adolescente de quinze anos, que participava, havia um ano, de um grupo com três outros adolescentes. Sua presença e intervenções trouxeram importante contribuição para o avanço da pesquisa sobre a psicanálise aplicada e o coletivo.

A ADOLESCÊNCIA: O GOZO E O FURO NO SABER

A descrição do repentino fracasso escolar da jovem, após deparar-se de modo abrupto com a sexualidade materna, permitiu a Lacadée extrair uma marca genérica da adolescência: o "despertar" característico dessa fase tende a impor um furo no saber.

A *adolescência* é, assim, uma espécie de paradigma do drama do saber do Outro, que se mostra precário para traduzir em palavras o

real da sexualidade com o qual o adolescente se vê confrontado.

NOMES DO PIOR

Motivada tanto pela *despertar* da adolescência, quanto por uma tendência genérica de nossos tempos, essa dificuldade de *tradução* fortalece nomeações que fixam posições objetivas dos sujeitos. No caso debatido, "bonitinha" e "nojentinha" são nomes que se colam a algo do real e impõem à jovem uma posição de objeto de gozo, pronto a ser consumido, mas não amado. Trata-se da junção entre S1 e *a*, chamada holófrase por Lacan, que não inclui o funcionamento do par ordenado S1-S2, a partir do qual o objeto *a* surgiria como um resíduo.

Não se trata, portanto, de estar fora do simbólico, mas sim fora da aposta no discurso do inconsciente, aquele que encarna tanto a falta quanto as possibilidades do saber do Outro.

O PONTO "DE ONDE"

Lacadée aproximou a posição do clínico numa tal situação à função do ideal do eu, que

funciona como um "ponto de onde" o sujeito pode se ver. Valoriza-se, assim, não o viés homogeneizante de identificação ao ideal, mas sim sua função de sustentação ao endereçamento do "estranho", como o nome daquilo que não pode nem dispensar, nem ser plenamente absorvido pelo saber. Essa seria a condição para que o inconsciente, como discurso do Outro, pudesse operar, permitindo a 'tradução', a introdução de 'pares ordenados' no furo por onde um real sem mediação invadia.

Desse modo, o clínico encarna a função de escutar até o inominável, o que permitirá aos jovens reconhecerem-se em sua diferença, produzindo e trocando entre si o texto de sua estranheza, para além do vocabulário local aprisionante, onde cada um deve ser reconhecido exatamente onde é idêntico a si e aos outros.

Equipe do Digai-Maré



CIEN-digital agradece a todos que colaboraram na elaboração deste número.

Envie-nos seu texto até 2.000 caracteres à mariarita.guimaraes@gmail.com.